

# INVENIRE

REVISTA DE BENS CULTURAIS DA IGREJA

N.º 12 Jan.-Jun. 2016 | 9 €



**MITOLOGIA GRECO ROMANA**  
azulejo em espaços religiosos

**RAINHA SANTA ISABEL**  
obras seiscentistas

**portfolio** FÉ E RAZÃO: ESCULTURA EM COIMBRA  
IMAGINÁRIA: DE CÁ, PARA LÁ **opinião**



# A imagem esculpida

## FÉ E RAZÃO NA RETÓRICA DO PODER ESPIRITUAL EM COIMBRA

A ESCOLHA DE  
*Maria de Lurdes Craveiro*

**A** produção artística que marca a identidade de Coimbra passa pelo trabalho da pedra calcária de Ançã, cuja maleabilidade justifica também o êxito de uma longa produção que só haveria de se diluir pelo século XVII.

Nos alvares de Quinhentos, o trabalho escultórico em pedra é devedor de uma experiência anterior, robustecida a partir da identificação de Coimbra como plataforma que integra uma extensa rede laboral ou da específica colaboração dos artistas franceses que procuram o território português. As oficinas onde tinham pontificado João Afonso, Diogo Pires-o-Velho ou Diogo Pires-o-Moço seriam então contaminadas com a energia humanista que alastrou também a outros círculos de poder (pense-se apenas no Mosteiro dos Jerónimos ou em Tomar).

Em Coimbra, a presença documentada de artistas como Nicolau Chanterene ou João de Ruão atavaria, primeiro na circunscrição das obras do Mosteiro de Santa Cruz e, depois, num raio de ação progressivamente alargado,



o sentido de uma cultura estética que lança todos os pressupostos em que assentariam as práticas escultóricas até aos inícios do século XVII: a utilização privilegiada da pedra; a preferência pelas estruturas retabulares com a exposição das grandes narrativas que, à semelhança do que acontece no âmbito da pintura, organizam a dimensão figurativa com o trabalho das micro-arquiteturas que encenam os temas representados; a matriz clássica e ornamental que domina o gosto oficial e a encomenda.

O discurso humanista que se expõe na montagem iconográfica dos túmulos régios do Mosteiro de Santa Cruz é revestido de um programa explícito de poder que vai ao encontro da exposição pública da imagem de autoridade do rei D. Manuel. Por aqui começa, em Coimbra, uma torrente criativa que alimentará os circuitos devocionais e os poderosos. No processo agigantado da centralização régia e na construção das alianças entre o espiritual e o temporal, o lançamento do culto ao Anjo Custódio do Reino encontraria expressão na mesma dinâmica reivindicativa de poder das Ordens religiosas.

Os temas de eleição da escultura humanista do Renascimento dialogam na esfera dos textos sagrados e absorvem uma iconografia clássica que integra os motivos de grutesco. As devoções à *Virgem do Leite* ou ao *Arcanjo S. Miguel* organizam a aposta na centralidade de uma receita que investe na humanidade de Cristo e no combate ao pecado, mas as composições retabulares que expõem, de forma prioritária, a vida de Cristo e da Virgem também retêm os motivos híbridos que acompanham o trabalho escultórico muito depois da morte de João de Ruão em 1580.

Quer por via da tradição ornamental implementada pela escola de João de Ruão, quer pelos efeitos de uma resistência humanista ativa sobretudo no seio da Universidade e no Mosteiro de Santa Cruz, o espaço cristão da Contra Reforma em Coimbra avançaria com o reforço de outras devoções (como S. Roque) e manteria os ingredientes decorativos anteriores instalados em retábulos ou nas mais diversas estruturas arquitectónicas. Ao grutesco e ao universo de referências clássicas somava-se agora o delírio compositivo extraído da gravura que difundia uma regularidade ordenada a partir do ritmo sequencial de motivos geométricos, com as cartelas movimentadas, as *feronneries* ou as máscaras de poderoso efeito teatral. Inscrito numa outra escala que ultrapassa os argumentos humanistas, o trabalho escultórico em Coimbra não deixou de fabricar alternativas à arquitetura do decoro mantendo intacta a consciência emotiva da observação. ■





#### TÚMULO DE AFONSO HENRIQUES | CALCÁRIO, 1518-1522

Os túmulos de Afonso Henriques e Sancho I, instalados na capela-mor da igreja do Mosteiro de Santa Cruz entre 1531 e 1535, jogam na complementaridade discursiva que se estabelece entre a iconografia de poder e salvação presente aos dois. Organizados à maneira de arcos triunfais e com um desenho que encontra afinidades com o portal sul da igreja dos Jerónimos, o portal sul de Tomar ou o portal que se ergueria na igreja crúzia por 1525, os túmulos terão sido projetados por João de Castilho e congregam a mão de obra que vem dos Jerónimos para o efeito. São uma das obras mais emblemáticas do reinado de D. Manuel e expõem a cadeia de um poder que se quer validado e eternizado.

MNMC. Prov. Igreja do Mosteiro de Santa Cruz, Coimbra



**ANJO CUSTÓDIO DO REINO | DIOGO PIRES-O-MOÇO, CALCÁRIO, c. 1518**

A devoção ao Anjo Custódio do Reino cresce a partir do pedido de D. Manuel ao Papa Leão X, em 1504, para a instituição da festa ao Anjo, que seria então devidamente regulamentada. Os dois anjos que sobrevivem (um no MNMC, outro na igreja do mosteiro de Santa Cruz) e que se posicionavam nas guirlandas da igreja crúzia, virados a norte e a sul, inscrevem-se no amplo processo de centralização régia onde o rei coloca o seu Reino sob a proteção divina e funciona como o grande interlocutor entre as matérias do Céu e da Terra.

MNMC, Prov. Igreja do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra



**ANJO CUSTÓDIO DE SANTA CLARA | CALCÁRIO POLICROMADO, c. 1525**

O Anjo Custódio de Santa Clara obedece ao mesmo circuito de pública exposição de autoridade, agora remetida ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. O Anjo portador de um escudo onde se representa uma igreja emoldurada pelo cordão franciscano vai ao encontro da expectativa da proteção às freiras clarissas e expõe uma retórica de poder em assumida colagem à iconografia do Anjo Custódio do Reino. A sua atribuição permanece uma incógnita ligada ao suposto Mestre dos Túmulos dos Reis.

MNMC, Prov. Mosteiro do Lorvão



**VIRGEM DO LEITE | CALCÁRIO POLICROMADO, C. 1525**

A Virgem do Leite, proveniente do Mosteiro do Lorvão e da encomenda mecénática da abadessa D. Catarina de Eça, é expoente consagrado da cultura humanista que desenvolve os temas que acentuam a natureza humana de Cristo. O seu tratamento corpóreo, preso ainda a incorreções anatómicas sensíveis, levaria à sua integração no círculo do designado Mestre dos Túmulos dos Reis.



#### RETÁBULO DA MISERICÓRDIA | JOÃO DE RUÃO, CALCÁRIO, MEADOS DO SÉCULO XVI

O retábulo proveniente da Misericórdia de Coimbra é uma das grandes composições pétreas trabalhadas na oficina de João de Ruão. Com a centralidade temática na Senhora da Misericórdia com o seu manto protetor (numa iconografia que se repetiria tantas vezes), organiza outros registos da vida de Cristo e da Virgem: Natividade, Visitação, Apresentação no Templo, Adoração dos Magos e Fuga para o Egipto. Com o recurso amplo às arquiteturas tratadas em perspectiva, a narrativa montada inclui tanto a representação de templetos como os motivos de grutesco, feronneries ou as máscaras cada vez mais frequentes num circuito onde o divino ainda convive com o humano. Na dualidade expressiva entre a cultura humanista e os formulários decorativos que a Contra Reforma iria incorporar, se joga, afinal, o drama teatralizado da Humanidade.



MNMC, Prov. Col. Ernesto de Vilhena



**S. ROQUE | OFICINA DE JOÃO DE RUÃO, CALCÁRIO, MEADOS DO SÉCULO XVI**

A devoção a S. Roque cresce com o impulso dado pelo Papa Paulo III nos meados do século XVI. Santo protetor das doenças pestíferas, a sua iconografia apresenta-o com os trajes de peregrino e bordão, acompanhado pelo cão que o alimentou durante o seu retiro, infectado pela peste e com a evidência da ferida na perna. O Anjo é aqui o elemento acessório que salvaguarda a dimensão espiritual e reforça a piedade popular a que se submetem os critérios da Contra Reforma. Provinda da coleção Ernesto de Vilhena, a escultura de S. Roque mantém a atmosfera de serenidade e dignidade tão cara à oficina de João de Ruão.



**PORTAL DE SANTA ANA | 1610, IGREJA DE S. JOÃO DE ALMEDINA**

O portal que remata a fachada sul (e principal) da igreja de S. João de Almedina é proveniente (tal como o que se colocou na parede este do MNMC) do Convento de Santa Ana em Coimbra. Na estrutura arquitectónica que desenha um impulso de verticalidade alimentado pelo nicho que alberga hoje a escultura de S. João Baptista e pelo remate em frontão triangular com a representação de Deus Pai, o mote é de um classicismo cerrado em torno da ordem compósita, movimentando poderosa encenação a partir da alternância de volumes, jogos de luz e sombra e uma decoração frenética, inusitada em 1610. Datado e com a indicação mecénica do bispo D. Afonso Castelo Branco, cujo brasão se repete, o portal ostenta os ingredientes do tempo (cartelas, máscaras e figuras geométricas em cadeia) e pactua com a iconografia tipificada de S. Pedro e S. Paulo, querubins, enrolamentos vegetalistas ou os motivos de grutesco, mais próprios do Primeiro Renascimento. Aqui se resolve, em suma, a harmonia de dois mundos: um, humanista e resistente; outro, catequético e vigilante que se assume e justifica apenas na integração do passado.